03 Agradecimento

07.....Rose ou Rosa

36.....A Rosa germinando

57 .....O aflorar da Rosa

68.....O Circo

158.....O Teatro

267.....Rosa no vaso

278.....Os espinhos da Rosa

Agradecimento

Por volta dos meus cinco anos, ainda sem ter consciência das atitudes tanto minhas como alheias presenciei simples atos que marcariam meu modo de observar o mundo pra sempre. Foi nesta fase da infância que tive minha primeira experiência com o amor, é evidente que platônico e por uma menina que se chamava Rose. Era tão venerada pela beleza que enxergava nela, mas ao mesmo tempo extremamente distante, pois nunca fui capaz de lhe

dirigir uma simples palavra. Minha avó materna, Maria Gertrudes de quem surrupiei o sobrenome tomava conta de mim mais quatro irmãos para que meus pais pudessem trabalhar, pois a situação financeira era complicada para o jovem casal de operários. Lembro-me como se fosse hoje, apesar de ter apenas cinco anos. Morávamos na zona leste, periferia de São Paulo. Segurando-me pela mão, minha avó levou-me a um lixão numa das indústrias Francisco Matarazzo que manufaturava vários produtos. Ainda vem-me a imagem com muita clareza, ela removendo entre detritos as sobras de panos que guardava numa sacola de feira. Já em casa, improvisava um fogão a lenha com tijolos em seu quintal, em uma lata de tinta vazia, destas de dezoito

litros colocava os restos de panos para ferver, enxaguava-os e voltava ao fogo com água, mas desta vez colocava corante azul e em outros vermelhos. Depois de secos os retalhos eram cortados em quadrados. E sentava na sua velha maquina de costura, onde era transformado em camisas e bermudas o tecido mais fino de espessura, com o grosso fazia colcha de retalhos que nos aquecia no inverno. Alem desta brilhante dedicação aos netos, minha avó ficou viúva com oito filhos para criar e posso afirmar com orgulho que estes oito filhos tornaram-se pessoas dignas. Por estes motivos agradeço a todas as mulheres que fizeram parte da minha vida mesmo que minusculamente, e por que não dizer das mulheres que

farão ao ler este modesto romance que tento embrenhar-me ao universo feminino tão fascinante e rico de detalhes. Sensíveis detalhes, mas que foram determinantes para o melhoramento da espécie como um todo. Gostaria de presenteá-las com flores se fosse possível, evidentemente o numero é assustador porem decidi colocar em meus personagens femininos nome de algumas flores e assim homenageá-las de forma coletiva.

Rose ou Rosa

Júlio conheceu Rose ainda na infância por volta dos dez anos quando sua família mudou-se para a mesma rua que morava Rose. Na pequena cidade de Esperança do Sul, a primeira vez que Júlio viu Rose brincava de amarelinha na calçada com suas amigas; ela usava um vestido, cor de rosa com manchas brancas. Então Julio entusiasmado com que vira gritou.

_Oi Rosa. Mais que rosa Tão linda!

A menina se enfurecia pelo que ouvia e retrucava berrando mais alto ainda.

_Meu nome não é Rosa, é Rose. Seu moleque imbecil.

As amigas riram deliciosamente de Júlio que de agora em diante era simplesmente imbecil. Quando elas o encontravam nas ruas da cidade, na escola, nas festas, na sorveteria, agora gritavam todas em coro.

_Oi Júlio. Moleque imbecil!

Júlio por sua vez não perdia a oportunidade de dizer o que sentia e também gritava, podia estar onde fosse.

_Você é a rosa mais linda que já vi nesse imenso jardim que é mundo!

Ela sempre retrucava na mesma altura da voz.

_Meu nome não é Rosa. Moleque imbecil.

E o Júlio sabia a que caminhos percorrer, salientou docemente.

_Para mim sempre será Rosa, pode ate o rio correr para cima. Sempre será uma rosa.

Na pequena cidade de Esperança do Sul passa um pequeno rio que corta a cidade ao meio, com o nome de rio dos Amores. Recebeu esse nome por folclore dos moradores que passavam de

gerações a gerações. Diziam, que ha muitos e muitos anos atrás um jovem rapaz pobre amarrou-se a uma grande pedra e se jogou dentro do rio, após saber que sua namorada casaria com outro rapaz, filho de um grande fazendeiro da região.

Na cidade também havia varias pontes de madeiras. E namorar sobre as pontes era o que mais gostavam de fazer os adolescentes. Debaixo das pontes o rio dos Amores corre lentamente e junto com as águas passam os anos rapidamente.

Júlio já estava com dezoito anos no final do colegial. Não gritava mais como antigamente. Talvez por vergonha muito comum nessa idade da voz que começa

a engrossar feito homem (que não parece ser sua), e nem as espinhas que insistiam aparecer em seu rosto. Mas, não deixava de dizer o que sentia seu nobre coração, quando encontrava com Rose, no colégio, nas discotecas, no cinema, nos banhos de lagoa que o rio formou por capricho da mãe natureza.

Um belo dia Júlio resolveu, estava decidido a falar. Os dois se encontraram sem amigos em companhia na fila do cinema.

_Como você está linda hoje Rosa! Será porque está sempre de braços dados com beleza?

A jovem realmente estava mais atrativa para ele na sua adolescência.

Rose desfilava com um jeans desbotado e justo que denotava sua silhueta, do quadril até o perfeito tornozelo, uma pequena blusa rosa que deixava o umbigo angelical exposto ao martírio de Julio. Respondeu de maneira mais doce do que educada.

_Garoto você é mesmo um imbecil muito grande. Estou cansada de falar pra você que o meu nome não é Rosa, é Rose.

Neste exato momento inoportuno apareceu como que do nada Margarida, uma amiga da Rose e invadiu o começo daquele que poderia ser o primeiro dialogo entre Julio e Rose. E se explicou à amiga.

_Oi Rose. Quase que cheguei atrasada, desculpe-me tive que passar ao banco para retirar dinheiro.

A jovem Rose quando cumprimentava a amiga, olhou fixamente por um determinado tempo para Júlio. E jogou uma frase no ar.

_Nenhum problema. Eu estava conversando com um mosquito que passou por aqui.

Neste momento Júlio abriu um sorriso do tamanho do mundo. E com os braços abertos, bateu como asas parecendo um inseto gigante, e quase saiu voando de verdade quando viu um sutil sorriso, mas, sincero sorriso sair daquela boca bem desenhada de Rose,

acompanhada dos seus lábios carnudos e brilhantes do batom rosa.

Como o rio dos Amores que passa lentamente sob a ponte, os anos passaram docemente e Julio e Rose namoraram bons anos sobre a ponte, onde todos os jovens da pequena cidade de Nossa Senhora da Esperança do Sul gostavam de se beijarem. A jovem Rose cursava o segundo ano de direito na cidade vizinha de Nossa senhora da Santa Fé do Sul, que era bem maior. Santa Fé ficava quarenta e três quilômetros de distancia e tinha duas universidades. O jovem Júlio cursava o segundo ano de educação física em outra universidade da mesma, Santa Fé do Sul. O Jovem casal de universitários

tinha sonhos de felicidade. Faziam planos entusiasmados que quando se formassem, casar-se-iam. Rose era sempre a mais entusiasmada em seus sonhos e comentava com as amigas, com delírio.

_Ah! Eu fecho os olhos e posso ver igreja de Nossa Senhora da Esperança do Sul lotada de convidados, todas as fileiras dos bancos enfeitadas com gérberas de varias cores. Intercalado com copos de leite brancos, que é para combinar com o vestido. Nas mãos um buquê de rosas vermelhas para não esquecer que o Julio me chama de Rosa e também foi à primeira palavra que ele me disse quando éramos pequenos e inocentes.

Por outro lado Júlio era mais modesto em seus sonhos, somente para Rose dizia do seu objetivo maior e inerente a ele talvez.

_A única coisa que desejo neste mundo, é ter uma filha de olhos verdes como os meus, para poder colocar o nome de Rosa e assim parar de te chamar de Rosa. Ouviu minha doce e venerável Rose!

Julio estudava no período da noite e durante o dia trabalhava com seu pai na loja de autopeças. Onde cuidava do estoque, das vendas, das compras e apenas a parte financeira ficava de responsabilidade do pai. Senhor Álvaro quem efetuava todos os pagamentos. Seu Álvaro, um homem, magro, alto,

honestíssimo de dar inveja, no rosto desenhado de rugas pelo trabalho árduo de trinta anos, no pequeno negocio de autopeças que lhe proporcionava uma vida estável. Pagava a mensalidade da faculdade do filho e comprou-lhe um automóvel popular, mas exigia que o Julio trabalhasse e descontava todo mês as mensalidades do carro e da faculdade. E todo mês na hora de efetuar o pagamento do filho sempre repetia o sermão.

_Eu me sinto muito triste em fazer estes descontos, filho. Mas há de chegar um dia que me agradecerá, por ter lhe ensinado como é difícil ganhar para poder gastá-lo com inteligência. Alias se o senhor tivesse fazendo administração

não precisaria me preocupar com esses detalhes.

A família de seu Álvaro era pequena, constituída apenas pela sua mulher, a dona Hortência e um único filho, o Julio. Família de hábitos simples como toda família de cidade pequena do interior. Quando havia baile social no clube quase todas as famílias estavam lá, iam também todos os sábados a praça da matriz ouvir a banda no coreto. No verão tomavam banho nas praias que nas margens do rio dos amores se formavam. A missa de domingo de manhã era tão sagrada como a homilia do padre Vitório. Homem de muito respeito na cidade por suas sabias palavras. Eis aqui um pequeno trecho de

um destes domingos de eucaristia na igreja de Nossa Senhora da Esperança do Sul que ficava no alto de uma pequena colina.

_ Meus filhos desta modesta paróquia. Quando olhamos no espelho e algo em nossa face, como espinhas, acnes, rugas que nos entristecem, ou os cabelos, como o corte, a cor, o brilho, que não nos agradam. Transferimos estas insatisfações de maneiras involuntárias e agressivas às pessoas mais próximas e ate aquelas que mais amamos. Os pequenos problemas do cotidiano sofrem uma ligeira mutação. Tornam-se maiores do que realmente aparenta ser. O que talvez neste aspecto seja mais interessante, (caros irmãos) é

que o contrario também tudo pode acontecer. Quando há um excesso de problemas no cotidiano ao nos defrontarmos com o espelho, a imagem que pré-concebemos não é aquela que se refletem. Uma imagem holográfica constituída pelo cérebro, irreal e de baixa estima. Ela não condiz com o real. Nesta situação de extrema complexidade entram em ação instintivamente, a fé e a esperança. (Evidentemente só para aqueles que as possui). Nós somos regados pela genuína fé dos homens e a esperança instintiva de que tudo estará bem melhor amanhã. A tempestade irá passar como o vento irá diminuir e fogo a de se apagar. Por outro lado, fica evidente que quem nasce desprovido de fé e esperança padece no paraíso.

Indefesos irmãos, irmãos desprovidos acabam cometendo monstruosas insanidades. Agem com brutalidade, começam a roubar, muitos se suicidam, seqüestram pessoas e assassinam os próprios irmãos.

Padre Vitório deu gole no cálice de água que estava sobre o altar, respirou profundamente e prosseguiu.

_Por este gigantesco motivo, (meus filhos) é que fui estudar teologia. E hoje estou aqui nesta paróquia, como um simples padre. O honroso trabalho dos padres perante a comunidade é de tentar levar a fé e esperança aos irmãos que nasceram sem elas. Quais os motivos, e o porquê que alguns desfavorecidos não os têm? Não sabemos. E acredito

profundamente que ninguém aqui nesta igreja ou neste mundo saiba. Por este outro grande motivo. (meus irmãos privilegiados) Vamos agradecer a nossa Senhora Boa Fé em Deus e a sagrada nossa Senhora da Esperança.

O trabalho do padre Vitório na comunidade de fato não ficava só na missa dominical, ele de fato fazia pesquisas entre os católicos mais fervorosos e assim descobria as famílias do rebanho que mais necessitavam de ajuda, de conselhos e palavras de esperança. Encontrava trabalhos alternativos para aqueles que estavam desempregados, conseguia alimento para os que passavam por problemas financeiros, com sua influência também

conseguia remédios e vagas em hospitais e postos de saúde aos enfermos. Por este trabalho brilhante é que os habitantes de Nossa Senhora da Esperança do Sul o respeitavam. Por onde padre Vitório passasse todos queriam cumprimentá-lo e beijar sua mão querendo sua sagrada benção. Padre Vitório num futuro não muito distante passaria a ser muito mais importante do que já o era, a simples família de seu Álvaro e por não dizer também importante no relacionamento de Julio e Rose.

Em certo dia da semana, no meio do expediente na loja de autopeças, Julio trabalhava em sua mesa e relatava ao seu pai sobre a lista de compras. Salientou

que algumas peças houve uma saída inesperada e que deveria efetuar uma compra acima do normal. Ainda fez uma observação para que ficasse ciente e a surpresa do excesso não lhe causasse susto na hora da fatura. A mesa de seu Álvaro ficava ao lado da mesa do filho, numa pequena sala com apenas um banheiro minúsculo, um ventilador fixado na parede, um bebedouro. Sobre a mesa de seu Álvaro um calhamaço de notas promissórias e com uma calculadora somava os valores dos cheques que deveria preencher, para cada fornecedor das compras anteriores. Julio depois que informou ao pai todas suas decisões que são de suas responsabilidades no trabalho, informou seu Álvaro para que ele pudesse dar seu

parecer sobre outra decisão, agora no campo pessoal. Julio olhava para ventilador que girava quando falou.

_ Pai. Pretendo casar-me o ano que vem.

Deu uma suave pausa para engolir a saliva e continuou.

_O que o senhor acha a respeito?

Seu Álvaro olhou para o filho de modo reflexivo por alguns segundos. Levantou e caminhou ate o bebedouro pegou um copo descartável no suporte, encheu-o e deu um pequeno gole. No retorno a sua mesa, deu o seu primeiro parecer.

_ Acho que o casamento é uma das decisões mais importantes na vida de um homem. Há muito que pensar antes de decidir.

Sentou-se em sua cadeira bem lentamente como se refletisse sobre o assunto, e já sentado deu mais um gole no copo de água. Olhando fixamente para o Julio, continuou.

_Casamento é quando decidimos com quem vamos dividir todas as coisas da nossa vida. Seja no campo material ou na atmosfera espiritual. Eu acredito que o relacionamento perfeito é o equilíbrio destes dois fatores.

Julio gostava de conversar com seu pai. As suas opiniões sempre lhe deram

bons resultados e o dialogo fluía de maneira pacifica, pois havia um entendimento profundo entre eles, com poucos confrontos no decorrer destes anos todos. Talvez porque seu Álvaro não impunha seu idealismo conservador. Mesmo com toda autoridade estava sempre aberto ao debate para que nunca existisse entre eles um abismo, o que ocorre entre a maioria das relações entre pais e filhos. Seu Álvaro pigarreou como tentasse desobstruir as vias aéreas e complementou, desta vez enaltecendo seu filho.

_Penso que a decisão final é só sua e da sua futura esposa. O que eu tenho pra lhe dizer não é nenhuma novidade, não é primeira vez que lhe digo sobre

seu caráter que tanto me dá orgulho, alem do que você já é um homem, é ate então tem assumido suas responsabilidades, e agiu como deve agir um homem de verdade. No mais, desejo a você e a Rose toda felicidade do mundo. Agora levanta logo daí, e me dá um abraço, rapaz!

Pai e filho se abraçaram no centro da pequena sala de trabalho; lugar pequeno que dividiram nos últimos oito anos de trabalho duro. Lugar minúsculo, mas que fizeram ótimos negócios e que lhes deram um padrão de vida razoável. Lugar minúsculo, mas que vai alem do sagrado para esta simples família, mas honesta em todas as situações, gente integra como a muito não se vê por ai.

Há poucos meses para ambos terminarem seus respectivos cursos na faculdade, a programação da comissão de formatura para arrecadarem fundos estavam todas em andamentos, também as cerimônias com horas e datas marcadas e o local determinado; seria no clube esportivo de Santa Fé do Sul. Rose por sua vez fazia estagio no departamento jurídico da câmara dos vereadores de Esperança do Sul. Foi justamente numa quarta feira que por compromissos com o estagio, Rose não pode ir à faculdade com Júlio. Rotineiramente Rose pegava uma carona com ele, nos últimos dois anos após ter ganhado seu carro. Julio ate brincou ao telefone quando se falaram, dizendo.

_Quer dizer que o nosso motelzinho de final de noite fica pra amanhã?

Rose sorria na voz quando respondeu ao apelo de Julio.

_Júlio, você é um insaciável. Ate parece que tudo que fizemos ontem foi tão ruim.

Ele discorda e com prazer sussurrou ao aparelho eletrônico.

_Não! Se o que fizemos ontem foi ruim, o que esta por vir pode me matar de loucura!

A jovem mulher se despediu, como se despindo com uma voz extremamente sensual.

_Prometo fazer melhor amanhã. Seu louco e insaciável. Beijos, mil beijos. Tchau.

Talvez o que de mais puro aconteça no transcorrer da vida, sejam as coincidências. Buscamos inegavelmente explicações, porque elas ocorrem. As coincidências vivem nos perseguindo como sombras escuras e misteriosas de nós mesmos. A única certeza que temos: é que elas unem fatos a outros fatos, unem pessoas a outras pessoas e fatos a pessoas; como um elo divino dentro das regras metafísicas do existir como um todo. Ficamos extasiados e surpresos diante das coincidências que nos afloram como bombas da verdade, neste mundo de pequenos detalhes que se tornam